

Defoe no Corvo / Defoe on Corvo. Bettencourt, Urbano: *Que Paisagem Apagarás*. Ponta Delgada: Publiçor, 2010, pp. 43-44. **English translation by Katharine F. Baker and Bobby J. Chamberlain, Ph.D., University of Pittsburgh (Pennsylvania)**. Portugal original also published online at:

www.rtp.pt/acoresh/comunidades/-tempo-iii-cronica-defoe-no-corvo-urbano-bettencourt-_40940

Defoe on Corvo

For Pedro Javier Castañeda García

The English writer came to Corvo in the early '80s at the invitation of Ricardo Ascensão. And he was able to observe the men and the expanse of the vanishing world keenly from a space as tiny as that. In several newspaper columns of the period (published under the title adopted here) we received an account of this from his host – who would, however, lose his life in Spain amid the twisted metal wreckage of a traffic accident in which writers J.H. Santos Barros and Ivone Chinita likewise perished.

Defoe left the island immediately, so he had no chance to inform us of the shipwreck of the *Tapestry*, which occurred soon after the fall of the Berlin Wall, when the vessel was transporting Moscow's Balalaika Orchestra en route to New York to celebrate the new universal harmony.

Two castaways washed ashore at the very moment when the Council of Elders, meeting as usual up on *Largo do Outeiro* plaza, was intoning the poem *Chorus of the Elders of Corvo*, composed long ago by someone called Vasco Pereira da Costa, who had himself landed there fleeing the cataclysms of his own island. And they set to playing distant melodies in which the sound of the steppes was lost in the silence of the vast expanses of the West. They played and played for an entire afternoon while the Council, engrossed like Pessóan chess players, discoursed on the fates of cheese and the stars, and on the island's imperceptible but inexorable westward shift at the rate of an inch a year.

And the castaways never realized that the desultorily applauding palms with which the three elders crowned their musical performance were nothing more than a simple manifestation of great rejoicing for the end of the strange resonating sounds that had been disturbing them in the midst of their Atlantic tranquility.

«Defoe No Corvo» de Urbano Bettencourt

Para Pedro Javier Castañeda García

O escritor inglês chegou ao Corvo no início dos anos oitenta, a convite de Ricardo Ascensão, e pôde, com argúcia, observar os homens e a amplitude do mundo a partir de um espaço tão diminuto como esse. Em várias crónicas da época (com o título aqui aproveitado), disse nos deu conta o seu anfitrião, que acabaria, porém, a vida em terras de Espanha, entre os ferros e as chapas de um acidente de viação em que pereceram igualmente os escritores J. H. Santos Barros e Ivone Chinita.

Defoe deixou de imediato a Ilha. Não teve, por isso, oportunidade de informar-nos sobre o naufrágio do Tapestry, ocorrido logo após a queda do Muro de Berlim, quando o navio transportava a Orquestra de Balalaikas de Moscovo que se dirigia a Nova Iorque para celebrar musicalmente a nova Harmonia Universal.

Dois náufragos deram à costa no momento em que o Conselho de Anciãos, reunido no Outeiro, entoava o Coro dos Velhos do Corvo, composto em tempos imemoriais por um incerto Vasco Pereira da Costa, ali arribado em fuga aos cataclismos da sua própria ilha. E puseram-se a tocar melodias distantes em que o rumor das estepes se perdia no silêncio das grandes extensões do Oeste. Tocaram, tocaram durante uma tarde inteira, enquanto o Conselho, absorto como o jogador de xadrez do outro, discorria sobre o destino do queijo e das estrelas, sobre a imperceptível mas inexorável caminhada da sua ilha para ocidente e à razão de dois centímetros e meio por ano.

E nunca perceberam, os náufragos, que as arrastadas palmas com que três anciãos coroaram a sua actuação musical não eram mais do que uma simples manifestação de regozijo pelo fim desses estranhos sinais sonoros que tinham vindo perturbar-lhes a redonda quietação atlântica.

(em Que paisagem apagarás, 2010)

Urbano Bettencourt, natural da Piedade, Ilha do Pico. Vive em Ponta Delgada, Ilha de São Miguel. É Professor, ensaísta, poeta. Sua produção literária é profícua e de mérito reconhecido. Seu mais recente livro "África Frente e Verso (Letras LAVAdas, 2012) traz a sua marca de escritor de grande sensibilidade na prosa e na poesia.